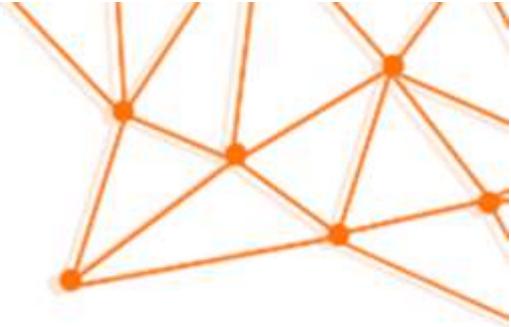




IV Simpósio Internacional de Geografia do Conhecimento e da Inovação



“Aceleração digital, neoliberalismo e desequilíbrio global: tendências na geografia da inovação pós-pandemia”

10, 11 e 12 de novembro de 2021

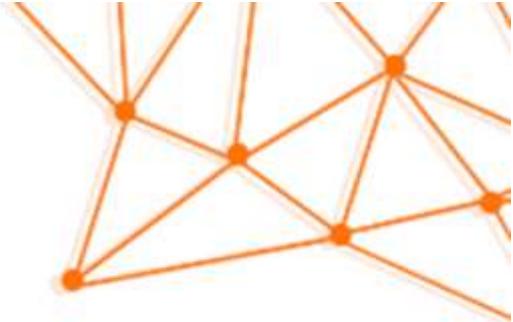
EVENTO ONLINE

O Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) junto ao Departamento de Política Científica & Tecnológica, o Departamento de Geografia e o Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), gostariam de convidar a todas e todos para a realização do IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA DO CONHECIMENTO E DA INOVAÇÃO – SIGCI que irá ocorrer nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2021 de forma inteiramente ONLINE.

Os dois primeiros SIGCI, ambos realizados em Recife, por iniciativa do Grupo de Pesquisa em Inovação, Tecnologia e Território (GRITT) da UFPE, buscaram promover um espaço de discussão em torno de tais temáticas na comunidade acadêmica brasileira, destacando a dimensão espacial da inovação numa perspectiva que articula diferentes campos disciplinares. O primeiro, em 2011, concebido como evento para dar partida ao debate no país, teve uma abordagem mais ampla voltada para estimular pesquisadores ainda não envolvidos com a temática, especialmente no campo disciplinar da Geografia, a dialogar com especialistas em torno de condicionantes políticos, econômicos e sociais que envolvem a relação entre inovação e território. O segundo, em 2017, voltou-se para a perspectiva da chamada inovação inclusiva, buscando problematizar as especificidades do processo de inovação em espaços de desenvolvimento retardatário e desigual, bem como os benefícios sociais dos investimentos em C&T&I. Em ambas as edições, estimulou-se a produção de conhecimento por meio de chamada de trabalhos, e foram feitas visitas a experiências concretas associadas aos temas abordados, de modo a suscitar diálogo entre os participantes. O III SIGCI foi realizado pelo Departamento de Política Científica & Tecnológica na Universidade Estadual de Campinas em novembro de 2019. Nessa edição, a ênfase foi a relação entre cidades e inovação. Buscamos uma discussão das desigualdades socioeconômicas que marcam o espaço urbano, onde se encontra a convivência de setores de alta intensidade tecnológica e de capital com outros de baixa produtividade e intensivos em mão de obra pouco qualificada. Tal convivência caracterizaria processo que para Milton Santos leva à divisão da economia urbana nos países periféricos em dois circuitos – um circuito inferior e outro superior – funcionais à concentração de renda e à reprodução de condições de pobreza.

O tema desta quarta edição do SIGCI é **“Aceleração digital, neoliberalismo e desequilíbrio global: tendências na geografia da inovação pós-pandemia”**. A proposta é compreender como a aceleração digital e o neoliberalismo, intimamente associados ao desequilíbrio global, são elementos centrais do capitalismo contemporâneo, tanto em suas dimensões econômica, social, ambiental, científica, tecnológica e territorial. O tema proposto deve ainda estimular a imaginação sobre a geografia que esse “estágio” do capitalismo está produzindo, especialmente em vista da pandemia, ela mesma entendida como parte do desequilíbrio global, assim como as relações entre este e esforços no campo da ciência, tecnologia e inovação.





INFORMAÇÕES SOBRE IV SIGCI

Datas Importantes

Atividades	Data
Início das submissões	30/07/2021
Término das submissões	20/09/2021
Divulgação dos resultados	20/10/2021
Limite para o pagamento da inscrição	22/10/2021
Publicação dos anais	25/10/2021

Inscrição no Evento

A inscrição será necessária para a publicação do Resumo Expandido nos Anais do Evento e Apresentação. O valor da inscrição está no quadro abaixo.

Taxa de Inscrição	Data
Ouvintes com certificado	R\$30,00
Estudante de Graduação	R\$30,00
Estudante de Pós-Graduação/Pós-Doutorado	R\$ 70,00
Profissionais	R\$ 150,00

Normas para Submissão de Resumo Expandido

Os trabalhos submetidos ao IV SIGCI serão enviados na forma de Resumo Expandido.

Tamanho: Máximo de 3.000 palavras, incluindo referências (tamanho bom de 2.500 palavras).

Não há restrição quanto ao número de autores/as e de submissões por autor/a.

Conteúdo: O resumo deve contemplar: **Introdução; Discussão teórica; Metodologia; e Análise e Considerações Finais.**

Serão aceitos textos escritos em português, espanhol ou inglês.

Normas para formatação: As margens devem ser todas de 2,5 cm; Fonte: Times New Roman, tamanho 12; Espaçamento 1,5 entre linhas em todo o texto.

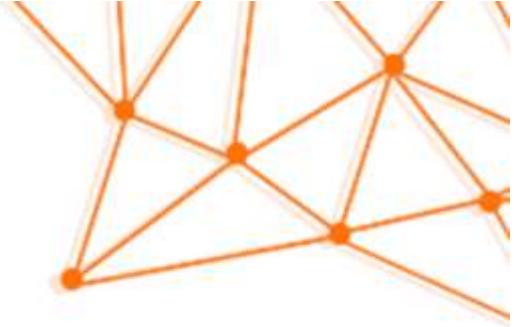
Os arquivos devem ser enviados exclusivamente em PDF (Portable Document Format) em duas versões:

1. Sem a identificação dos/das autores/as (para a comissão avaliadora)
2. Com identificação dos/das autores/as, vínculo institucional, e-mails dos/das autores/as. Essa versão submetida será a definitiva para a publicação nos anais. Portanto, recomenda-se atenção com ortografia e gramática.

É **obrigatório** uso do MODELO para submissão do Resumo Expandido disponível [AQUI](#).

As submissões serão feitas exclusivamente pelo site do evento, que será divulgado em uma data próxima.





Normas para as apresentações

A proposta principal é que as apresentações sejam mais voltadas para o debate e a interação entre os participantes da Sessão Temática do que estritamente na apresentação individual de cada trabalho. Para isso, os resumos expandidos serão publicados no site do evento com 15 dias de antecedência do início das apresentações, permitindo aos participantes o conhecimento antecipado dos trabalhos que serão apresentados em sua Sessão Temática.

1. As sessões temáticas serão realizadas de forma online e síncrona. Os links serão enviados para os apresentadores em data próxima à realização do evento.
2. As sessões estão programadas para ocorrer nos dias 11 e 12 de novembro das 15h às 17h. O uso de um ou dois dias será definido conforme o volume de artigos aprovados por sessão temática.
3. A apresentação deve ser feita em um tempo máximo de 6 minutos. Estimulamos que a apresentação seja feita sem o uso de softwares de apresentação (PowerPoint). Contudo, caso o/a autor/a considere necessário, especialmente, para apresentação de figuras, gráficos, tabelas, imagens, etc. o uso pode ser realizado desde que não ultrapasse o tempo máximo estipulado.
4. O debate será iniciado pelos coordenadores da sessão que irão formular uma ou mais questões gerais aos autores/as no sentido de estimular a discussão entre as pesquisas apresentadas em cada Sessão; em seguida, será aberto o debate para todos os participantes da sessão temática.
5. Dentre os coordenadores de cada Sessão Temática um deles será responsável por relatar os principais temas discutidos. Esse relator será responsável, na sessão de encerramento do evento, no dia 12 de novembro, por apresentar e discutir as principais questões levantadas nas Sessões Temáticas, com vistas à formulação de um documento síntese do IV SIGCI.

Sessões Temáticas para a submissão dos resumos expandidos

Os trabalhos enviados para IV SIGCI devem estar inseridos em uma das seguintes sessões temáticas:

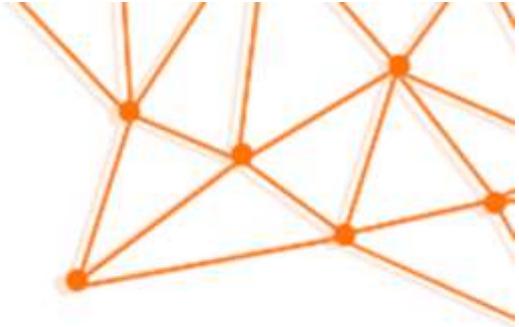
Sessão Temática 1

Sistemas territoriais de inovação em formações socioespaciais periféricas e pós-pandêmicas

Coordenadores: Ana Cristina Fernandes (UFPE), Carlos Luna (UFPE) e Thiago Machado (UFRN)

Ementa: O conceito de Sistema Territorial de Inovação remete aos conflitos de interesse e relações de poder expressos no território associados ao processo de produção e difusão de inovações. Compreendendo que este processo, por sua vez, reflete as trajetórias de diferentes formações econômicas e sociais, este eixo temático pretende estimular a reflexão sobre bases teóricas e casos específicos de sistemas territoriais de inovação, suas emergências, objetos, conflitos, desafios e perspectivas, sobretudo em contextos de dependência tecnológica. Reconhecendo que a pandemia do novo coronavírus, de um lado, acentuou as desigualdades entre países mais e menos tecnologicamente desenvolvidos, aprofundadas por décadas de políticas neoliberais, de outro lado, mostrou que estratégias alternativas são possíveis, como mostram a China e outros países do Sudeste Asiático. Que janelas de oportunidade as crises pandêmicas abrem? Que abordagens críticas podem ser construídas acerca da criação e difusão de inovações a partir de contextos periféricos, em territórios com formações socioespaciais marcadas pelas colonialidades do saber, do poder, do ser e da natureza, que ensejaram a subalternidade das subjetividades construídas nestes territórios? Portanto, são esperadas contribuições com





perspectivas que dialoguem com o conceito de Sistema Territorial de Inovação, revelando atores, interesses e seus conflitos – a exemplo da emblemática e atual “guerra das vacinas” –, assim como reflexões a partir de conceitos como inovação inclusiva, inovação social, inclusão digital e tecnologias sociais, entre outros conceitos que abarcam a não dissociação entre sociedade, território e tecnologia, suscitando, em suma, uma abordagem sociotécnica.

Sessão Temática 2

Políticas regionais e locais de inovação: desafios no contexto neoliberal

Coordenadores: Renato Garcia (Unicamp), Suelene Mascarini (Unicamp) e Arlindo Teixeira (UFPE)

Ementa: A implementação de estratégias regionais de desenvolvimento de longo prazo centradas na inovação tem sido um importante guia para a discussão de políticas locais e regionais de desenvolvimento. Porém, é importante frisar que essas políticas não podem ser desenhadas a partir de exemplos bem-sucedidos das regiões mais prósperas, que apresentavam ambientes econômicos, sociais e institucionais muito peculiares. A consequência direta deste processo foi a emergência de um modelo único, do tipo “*one-size-fits-all*”, em que a solução advogada era comum a todas as regiões, ou seja, os *clusters* de alta tecnologia, o que acabou por reforçar a vantagem das regiões desenvolvidas. Porém, essas experiências passadas mostraram que a imitação das melhores práticas não gerou os resultados desejados, as desigualdades regionais permaneceram e, fundamentalmente, as especificidades regionais importam muito. Nesse contexto, abre-se um conjunto de desafios para o desenho de políticas locais e regionais, em um contexto de dificuldades de implementação, ao menos no Brasil, de políticas de desenvolvimento. Deve-se mencionar ainda que essas políticas devem ser guiadas por estratégias de inovação inclusivas e ambientalmente sustentáveis.

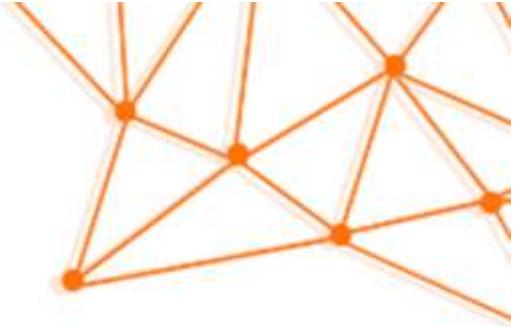
Sessão Temática 3

Digitalização, universidades e interiorização da ciência, tecnologia e inovação

Coordenadores: Janaina Ruffoni (Unisinos), André Sica (Unicamp) e Paola Schaeffer (Unisinos)

Ementa: A economia digital ou a digitalização das atividades produtivas apresenta-se como uma trajetória de modernização para o desenvolvimento e ampliação da competição produtiva do território nacional. Essa transformação mostra-se como um desafio que se caracteriza pelas particularidades que assume a depender dos atores envolvidos e das regiões em que ocorre. Seus efeitos são diversos - negativos ou positivos - e impactam diferentes dimensões: mercado de trabalho, capacitações produtivas, nível de renda, etc. Quais são as particularidades deste processo é um dos assuntos a ser debatido neste eixo. Além disso, um importante ator gerador e difusor de conhecimento é a Universidade. E, é fundamental discutir quais papéis esse ator vem desempenhando neste novo desafio. Este eixo pretende abrigar as seguintes reflexões: (1) Que papel a ciência, a tecnologia e a inovação desempenham no sentido de contribuir para uma reflexão sobre a digitalização e seus impactos? (2) Como considerar e atuar frente às diferenças da infraestrutura de C&T&I nas cinco regiões do Brasil (N, NE, S, SE e CO)? (3) Qual é o papel de disciplinas fundamentais como matemática e física vis à vis disciplinas aplicadas como engenharia elétrica, engenharia agrícola e engenharia florestal, por exemplo? (4) Qual pode ser a contribuição das atividades de extensão das Universidades em termos de capacitação da sociedade de forma geral? (5) Por fim, para além das Universidades enquanto atores institucionais, há que se pensar também nas comunidades docentes/científicas/discentes dentro destas instituições, destacando a importância do nível individual dos atores, para além do institucional.





Sessão Temática 4

As cidades em uma era pós-pandêmica: aceleração digital e desigualdades

Coordenadores: Adriana Bernardes (Unicamp), Mariana Albuquerque (Fiocruz) e Allison Bezerra (UEMA)

Ementa: O evento da pandemia da Covid-19 transcorre num planeta em sua maior parte urbanizado. Atinge cidades de diferentes portes e funções em todos os continentes, ainda que as grandes cidades sejam as mais duramente afetadas. Nos ambientes urbanos, somam-se agora as condições estruturais de desigualdades, o avanço de políticas neoliberais sob a égide dos capitais financeiro e informacional e uma crise sanitária sem precedentes por sua escala global. Trata-se de uma combinação de processos e eventos que tornam a crise social aguda, trazendo desafios ao campo da geografia da inovação. As cidades sempre foram essenciais para as capacidades inovativas: seja pela interação face-a-face como forma de potencializar o compartilhamento do conhecimento tácito; seja por abrigar uma classe criativa; seja por seus estímulos às externalidades, entre outros fatores. E, recentemente, as cidades têm sido objeto de inovação tecnológica por meio de modelos de cidades inteligentes em seus vínculos hegemônicos com a aceleração digital e o neoliberalismo. Este eixo estimula trabalhos que problematizem esse contexto. Como as tecnologias digitais impulsionadas pelo distanciamento social podem impactar a vida nas cidades? Em que medida está se alterando as relações de proximidade e de longa-distância, particularmente em espaços metropolitanos? Como a especulação e a gentrificação avançarão nas cidades pós-pandemia? O papel da centralidade metropolitana na inovação estaria sendo afetado? Como a política e a gestão urbana delimitarão estratégias de prevenção à futuras pandemias, levando-se em conta problemas relativos à mobilidade, à habitação, ao trabalho, à educação, à segurança, ao lazer, à saúde? Como a aceleração digital em cidades desiguais afeta os serviços de saúde?

Sessão Temática 5

Implicações da aceleração digital no campo

Coordenadores: Ricardo Castillo (Unicamp), Lúcia Libório (IFPE) e Mait Bertollo (Unicamp)

Ementa: O avanço das tecnologias de informação tem trazido novas formas de se produzir no campo desde, pelo menos, final do século XX. Contudo, o aprofundamento dessas tecnologias, envolta nas discussões sobre agricultura digital ou agricultura 4.0, tem levantado novos desafios. Quais as implicações dessas tecnologias em um contexto altamente heterogêneo em que parte significativa dos produtores ainda apresentam baixa escolaridade? Em que medida essa mudança tecnológica cria oportunidades no campo - com novas formas de manejo e compartilhamento de equipamentos - ou acentuam as desigualdades? O eixo temático visa problematizar questões como essas pensando tanto nos pequenos quanto grandes produtores. Estimulamos que as reflexões sejam situadas em um contexto contemporâneo no qual ao mesmo tempo que a agricultura recebe novos estímulos do mercado nacional e internacional, tem aumentado o número de famílias que sofrem com problemas de insegurança alimentar.

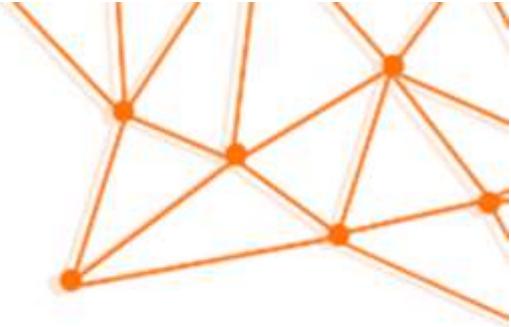
Sessão Temática 6

Aceleração digital, precarização do trabalho e desigualdades socioespaciais

Coordenadores: Fábio Tozi (UFMG), Alexandre Sabino (UFPB) e Sunamita Borges da Costa (UFPE)

Ementa: Este eixo visa discutir as implicações das tecnologias digitais e dos processos de informatização/digitalização na organização do território, nas dinâmicas urbanas e no mundo do trabalho, tendo como foco seus efeitos no fomento a novas desigualdades socioespaciais (como a concentração de produção de informações, precarização do trabalho, mudanças na circulação de mercadorias e prestação de





serviços, novas formas de urbanização). A contextualização dessa discussão em um momento de aprofundamento do neoliberalismo é essencial para pensar como a dimensão técnica e política caminham juntas e como essa combinação pode agravar os problemas e as desigualdades socioespaciais no país. Objetiva-se congrega pesquisas que analisem às diversas situações ligadas à transição digital (ou digitalização das relações socioespaciais), das desigualdades e tensões delas decorrentes, dos novos dilemas ligados à normatização e planejamento do território, das questões jurídicas (federativas, trabalhistas, tributárias etc.), geopolíticas e ligadas a demais políticas públicas (como de cultura, inovação, comunicação, entre outras). Portanto, pesquisas dedicadas a situações particulares (locais, urbanas e intraurbanas), regionais, nacionais e internacionais se enquadram nesse escopo. Os temas gerais de interesse do eixo são, não exclusivamente: capitalismo de plataforma, plataformas digitais, uberização, economia do compartilhamento, fintechs. São bem-vindas pesquisas que analisam o papel de grandes grupos privados que atuam em diversos setores econômicos, sejam multinacionais (como Amazon, Alibaba, Uber, 99/DiDi, Airbnb, Netflix, Facebook) e nacionais/regionais (como IFood, Rappi), tanto quanto experiências estatais ou de cooperativas ligadas aos processos mencionados.

Sessão Temática 7

Digitalização, crise e desindustrialização: um olhar para as “regiões que perdem”

Coordenadores: Marcelo Pinho (UFSCar), José Roselino (UFSCar) e Victo José (Unicamp)

Ementa: A indústria brasileira encontra-se numa encruzilhada formada pela confluência de três tendências que lhe são nefastas: um processo de desindustrialização que a maioria dos estudiosos qualifica como precoce; a mais prolongada crise macroeconômica já vivenciada pelo Brasil Republicano; e o aprofundamento das mudanças tecnológicas em direções ainda mais exigentes em termos de capacidades e competências que, mesmo nos seus melhores momentos, não logrou construir plenamente. As repercussões e os condicionantes espaciais desses processos são tão importantes quanto desafiadores para pesquisadores de vários campos disciplinares. Este eixo pretende abrigar reflexões sobre essa temática, com um olhar especialmente atento para a emergência de novos vetores de desigualdade regional.

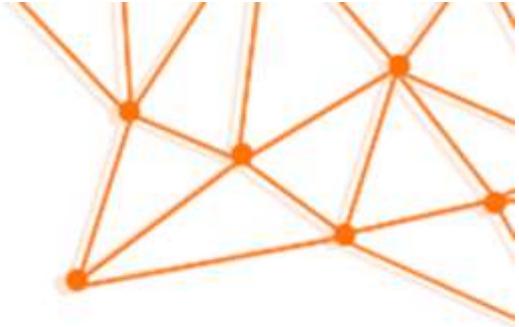
Sessão Temática 8

Transição energética: sustentabilidade, inovação e dinâmica espacial

Coordenadores: Flávia Consoni (Unicamp), Altair Oliveira (IFSP) e Anna Carolina Navarro (Unicamp)

Ementa: Muitos dos problemas hoje presentes, nas grandes cidades e nos rincões, derivam das mudanças climáticas, da perda de biodiversidade, do esgotamento ou da alta exploração dos recursos naturais e das disfuncionalidades internas ao próprio sistema de gestão urbana. A superação do atual modelo de desenvolvimento exige mudanças significativas na organização social e na base de reprodução da vida econômica, em direção à processos de produção e consumo mais sustentáveis, em especial, nos setores de serviços públicos, como água, energia, transporte, mobilidade, moradia e agroalimentar, alterando infraestruturas, aparatos técnicos e visões de sustentabilidade. Este eixo acolhe diálogos e reflexões sobre Transição Sociotécnica na direção da sustentabilidade, pensando em reconfigurações de setores econômicos e/ou de territórios, tendo como norte a redução das emissões, dos impactos ambientais ou novas formas eficientes de produção e de convívio com os ecossistemas. De tal modo, algumas questões podem provocar as contribuições: i) Como e de que forma os contextos socioespaciais influenciam as transições energéticas? ii) Como as trajetórias tecnológicas assumidas no passado determinam, restringem ou ativam o desenvolvimento futuro de novos arranjos sociotécnicos? iii) As cidades podem moldar transições sociotécnicas na direção da sustentabilidade? Como podemos atuar nesse processo? iv) Quais são os instrumentos de política pública





mobilizados pelo poder público (federal, estadual e municipal) para emular iniciativas de transição energética? V) Como as pressões sociais e políticas difundidas no contexto atual promovem iniciativas de transições para a sustentabilidade? vi) Quais são os aprendizados das iniciativas em curso? vii) Quais são os novos modelos de negócio que emergem no contexto de transição energética?

Sessão Temática 9

Topografias simbólicas, subjetivas e culturais do Neoliberalismo

Coordenadores: Caio Maciel (UFPE) e Rodrigo Firmino (PUCPR). Terceiro coordenador em definição.

Ementa: Realizado ou não, o empreendedor de si está cada vez mais empenhado em seguir a vida como dita o ritmo neoliberal: o desempenho, a produtividade e a competição transformam cada corpo, cada sujeito em uma réplica em dimensão humana de uma empresa privada. A disciplina e as racionalidades induzidas pela “*governamentalidade neoliberal*” se difundem nos discursos, nas práticas e nas instituições, organizando a vida subjetiva, simbólica e cultural de forma sofisticada: não é mais necessária a mediação de um alzo, o poder se entranha na existência e produz modos de percepção e sensibilidade favoráveis à reprodução capitalista-neoliberal. As políticas do ‘Estado-de-mercado’ desenham os contornos de nossas existências, dos nossos desejos, das alegrias e tristezas, e gerenciam nossas vidas pelas vísceras, veias e redes neurais. Epidemias de depressão, ansiedades, transtornos mentais, fobias, vícios, fazem parte dos componentes da estratosfera da vida, e produzem uma massa de ‘seres humanos’ semelhantes à figura mitológica de Atlas: ultra responsabilizados, castigam-se por seus fracassos, cegos, mudos e surdos às erosões dos laços e estruturas sociais de amparo ao bem viver, carregam nas costas muito mais do que são capazes de suportar. A liberdade passou a ser entendida como a desobrigação do Estado com sua nação, de modo que, mais do que nunca, é necessário descrever novos “*topos*” em busca dos princípios e métodos que nos ajudem a perceber, descrever visibilizar os lugares, regiões, ou seja, as topografias das quais a vida subjetiva, as imaterialidades simbólicas e assim as próprias culturas estão sendo relegadas e de onde se ouve gritos em uníssono: SALVE-SE QUEM PUDER!!! Acolhemos assim, trabalhos ‘cosmoperceptivos’ aos movimentos do empreendedorismo de si e à cultura dos(as) ‘*coachs*’ e suas implicações socioeconômicas e culturais; Reflexões sobre o corpo, alma e o neoliberalismo; Processos que visem a cooperação, a solidariedade em contrapartida às investidas neoliberais; Trabalhos que relacionem a saúde do corpo e alma aos constantes avanços da precarização da vida nas cidades, campo e florestas; Alternativas para a destituição democrática de nossos dias; Projetos que correlacionem afetividades, filosofias e práticas culturais aos processos “neoliberalizantes”; Contribuições que observem os instrumentos, métodos, princípios da difusão ideológica neoliberal; Implicações de uma “Política Somática” que age sobre e nos corpos e subjetividades; Governamentalidade Neoliberal e retóricas de poder na produção de desigualdades.

